

PERFORMATIVA

POLÍTICA

MUT RÃO DE

PEDAGÓGICA

MAGINAÇÃO



Quem vai velar pela educação pública? Aula imaginária Táticas Afetivas Anarcadêmicas. Coletivo Parabelo. Instituto de Artes da UNESP. São Paulo. 2019. Fotografia Mayra Suzuki.

Considerações sobre o último Mutyrão Extraordinário:

Não houve.

Local e horário do Mutyrão Extraordinário:

Nosso Mutyrão Extraordinário está marcado para o dia 21 de outubro de 2019, segunda-feira, das 20h às 22h, no Teatro Reynúncio Lima do Instituto de Artes da Unesp, localizado na Rua Dr. Bento Teobaldo Ferraz, 271, Barra Funda, São Paulo. O Mutyrão Extraordinário fará parte do Ato em Defesa da Universidade Pública no IA UNESP.

Proposta do Mutyrão Extraordinário:

O Coletivo Parabelo foi convidado a participar do Ato em Defesa da Universidade Pública, que irá acontecer no Teatro Reynúncio Lima do Instituto de Artes da Unesp na segunda-feira próxima e contará com a presença de docentes e discentes da UNESP, além do deputado estadual Carlos Giannazi e do ator Pascoal da Conceição. A partir desse convite, resolvemos propor um Mutyrão de Imaginação Performativa, Política e Pedagógica Extraordinário, ou seja, um Mutyrão que ocorrerá em caráter excepcional, para essa ocasião específica. Isto porque consideramos que, na atual conjuntura de desmonte da educação pública, é importante valorizarmos as oportunidades para velarmos pelas instituições de ensino públicas, como por exemplo, a universidade. Tal conjuntura demonstra um descompasso entre uma utopia civilizatória vinculada à perspectiva moderna republicana, em que a universidade pública seria a instituição responsável pela construção de uma sociedade melhor; e uma realidade que desqualifica tal instituição, que precisa se adequar aos parâmetros rentáveis e eficientes do capitalismo global, em que há a predominância de interesses privados. Assim, nesse Mutyrão continuaremos o desenvolvimento da linha de força Táticas Afetivas Anarcadêmicas, por meio da realização da aula imaginária "Quem vai velar pela educação pública?". Ao imaginarmos os sentidos de velar pela educação pública no contexto político-social vigente, poderíamos questionar: o que faz de uma universidade uma universidade? Ou ainda, o que seria defender, criticar e criar a universidade pública? Em busca de possíveis pistas para esses questionamentos, nos reportamos às práticas de artistas contemporâneos como as da brasileira Dora Longo Bahia, que tem experimentado a criação de uma Anarcademia com um grupo de artistas e estudantes de arte em contextos específicos como o museu, a galeria e o grupo de estudos. Isto porque tais práticas parecem descortinar outros modos de fazer arte e de fazer educação, ao apostarem, por exemplo, na academia como um ato de anarquia que coloca em xeque os limites da instituição - seja ela a arte, a educação ou a própria academia.

A partir das homenagens à escola pública feita pelos participantes do Mutyrão e pelos professores, artistas e pesquisadores participantes da Jornada de Pesquisa e do Encontro Científico do Mestrado Profissional PROF-ARTES, realizado no dia 11 de outubro de 2019 no IA UNESP, pedimos que no próximo Mutyrão você traga a sua homenagem à universidade pública com a duração máxima de até três minutos.

Combinados para o Mutyrão Extraordinário:

- Solicitamos o uso de peças de roupa pretas sem estampas.

Leituras para o Mutyrão Extraordinário:

BAHIA, Dora Longo. Anarcademia. 28ª Bienal de São Paulo. Disponível em: <https://www.academia.edu/7009862/ANARCADEMIA>. Acesso em 16 de julho de 2019.

- Trata-se de um statement (declaração) artístico sobre a criação do que poderíamos chamar de certo modo de instituição de ensino chamada ANARCADEMIA, concebida pela artista, professora e pesquisadora brasileira Dora Longo Bahia e por um grupo de artistas e estudantes de arte especificamente para o contexto da 28ª Bienal Internacional de São Paulo.

HOFF, Mônica. Notas para a construção de teorias refutáveis, pedagogias sem importância e escolas de garagem, ou: um bom nome para o amor. In: Fábrica de Conocimiento, Escuela de Garaje, 2016, p. 174-195.

- Trata-se de um artigo escrito pela artista, professora e pesquisadora brasileira Mônica Hoff, no qual a autora elenca diferentes concepções de arte, de educação, de pedagogia e de escola, mirando o exemplo de artistas contemporâneos que criaram escolas como projetos de arte.

SANTOS, Boaventura de Souza. Da universidade à pluriversidade e à subversidade. In: O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2019, p. 375-406.

- Trata-se do último capítulo do livro "O fim do império cognitivo" do sociólogo lusitano Boaventura de Souza Santos, que apresenta a crise atual da universidade pública localizada entre um passado colonial ainda presente, os interesses econômicos vinculados ao capitalismo global e os movimentos de resistência às relações de dominação epistemológica, histórica e cultural. Ao exemplificar como este processo tem ocorrido em diferentes contextos, o autor demonstra a permanência de ideários coloniais no modus operandi de universidades públicas em países colonizados, mesmo após a oficialização de sua independência. A partir desse panorama, o autor apresenta diferentes modos de lidar com o conhecimento e valorizar a pluralidade de saberes por um viés de combate à dominação, em um processo de descolonização baseado em uma ecologia de saberes que exige justiça cognitiva, social e histórica. Nesse sentido, é preciso criticar uma certa ideia de universidade pautada por modelos de sujeito e conhecimento universais, ao defender a emergência do que o autor chama de subversidade ao promover a admissão de grupos subalternizados no ensino superior público, o que necessariamente acarretaria na produção de uma determinada ecologia de saberes na e pela criação de uma pluriversidade.